

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE JARDIM
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

ROSIMEIRE OJEDA CABROXA

**A TERRITORIALIZAÇÃO TERENA DO MUNICÍPIO DE
NIOAQUE: HISTÓRICO DE FORMAÇÃO E ORGANIZAÇÃO
SOCIO-ESPACIAL**

**JARDIM
2011**

ROSIMEIRE OJEDA CABROXA

**A TERRITORIALIZAÇÃO TERENA DO MUNICÍPIO DE NIOAQUE:
HISTÓRICO DE FORMAÇÃO E ORGANIZAÇÃO SOCIO-ESPACIAL**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Geografia da
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul,
Unidade Universitária de Jardim, como pré-
requisito para obtenção do grau de Licenciado em
Geografia.**

Orientadora: Prof.^a Dra. Sandra Cristina de Souza

**JARDIM
2011**

FICHA CATALOGRÁFICA

CABROXA, R. O.

A Territorialização Terena do Município de Nioaque: Histórico de Formação e Organização Sócio-Espacial / Rosimeire Ojeda Cabroxa – Jardim: [s.n.], 2011. 52 f.

TCC (Graduação) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dra. Sandra Cristina de Souza

1. Terena, 2. Territorialização, 3. Organização.

É concedida a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul permissão para reproduzir cópias deste Trabalho de Conclusão de Curso, somente para fins acadêmicos científicos.

Rosimeire Ojeda Cabroxa

TERMO DE APROVAÇÃO

ROSIMEIRE OJEDA CABROXA

A TERRITORIALIZAÇÃO TERENA DO MUNICÍPIO DE NIOAQUE: HISTÓRICO DE FORMAÇÃO E ORGANIZAÇÃO SOCIO-ESPACIAL

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Geografia, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, pela seguinte Banca Examinadora:

Orientadora: Prof.^a Dra. Sandra Cristina de Souza

Professora do Curso de Geografia, UEMS

Prof.

Professor do Curso de Geografia, UEMS

Prof.

Professor do Curso de Geografia, UEMS

Jardim, 30 de novembro de 2011.

Ao meu Eterno Deus, aos meus pais Roque e Yolanda, ao meu esposo Ronailson, aos meus queridos filhos Aldrovane e Antonione e a todos os Terena da Terra Indígena de Nioaque.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar, pela minha vida e por ter proporcionado a oportunidade de participar do mundo acadêmico, pela força renovada a cada momento, pelas alegrias e proteção concedida a minha vida durante todos esses quatro anos.

As pessoas que me auxiliaram e contribuíram para que este trabalho fosse concluído. Quero inicialmente agradecer aos meus pais por terem proporcionado a base da minha educação para que hoje eu pudesse chegar até aqui. Ao meu esposo, meu amigo e companheiro, que esteve ao meu lado a todos os momentos dando-me forças em todos os trabalhos acadêmicos, por entender meus momentos de ausência, pela compreensão e paciência ao me levar e trazer da faculdade todas as noites, por ter assumido toda responsabilidade nas minhas ausências, necessárias para que este trabalho avançasse, julgo de grande importância para a história da minha comunidade indígena.

Aos meus lindos e queridos filhos Aldrovane e Antonione, Terena legítimos, que tenho deixado desde os primeiros meses de nascidos para que eu pudesse estudar, pelo amor e carinho, por eles fazerem parte da minha vida e me inspirarem a fazer este trabalho.

Aos meus irmãos, em especial a Élide e a Roseneide que ajudaram muito cuidando dos meus filhos quando eu não pude estar presente.

A Senhora Edilene Borges da Silva uma pessoa tão importante no início da minha alfabetização, que no momento da iniciação escolar chegou na hora certa e com paciência me ensinou a ler quando ingressei na 1ª série do Ensino fundamental.

A professora e orientadora Sandra Cristina pela compreensão e dedicação na elaboração do meu trabalho.

A contribuição da escola Municipal Indígena 31 de Março, ao Diretor Amauri Carvalho Vicente, a Coordenadora Gislane Lopes Farias, ao Diretor Adjunto e supervisor de estágio Carlos Manoel da Silva e, a professora de Geografia Noemia Jara Leandro Martins, pela paciência durante todo esse período, por entenderem a minha dedicação ao estudo e pela compreensão e atenção nos momentos que precisei. Aos alunos da escola de Ensino Médio Angelina Vicente. À professora

Jaqueline da Paz Oliveira, que contribuiu para ampliar minhas reflexões e compartilhar meus avanços.

Aos meus companheiros de trabalho, professores, zeladores, secretária e inspetor desta instituição, pelos momentos de incentivos e de alegrias que vivemos juntos. A todas as pessoas que se dispôs a registrar seus testemunhos que foram fundamentais e importantes para ampliar minhas reflexões.

A toda comunidade indígena de Nioaque, aos que torceram por mim e a todos que contribuíram direto ou indiretamente para a minha formação. Sei que tudo o que eu disser não será suficiente para agradecer, mas ficam registrados aqui meus agradecimentos.

RESUMO

A TERRITORIALIZAÇÃO TERENA DO MUNICÍPIO DE NIOAQUE: HISTÓRICO DE FORMAÇÃO E ORGANIZAÇÃO SOCIO-ESPACIAL

O presente estudo tem como objetivo resgatar a história do povo Terena da Terra Indígena de Nioaque, bem como a trajetória e as disputas territoriais até a formação do território Brejão e a criação das demais aldeias. Tendo em vista a falta de registros da história da ocupação deste território e os poucos conhecedores que podem contar esta história, já se encontram com idades avançadas e guardam com eles muitas informações sobre todo processo de lutas, estratégias e o caminho percorrido por seus ancestrais para formação deste território.

Os Terena são descendentes do tronco lingüístico Aruak, remanescentes da nação Guaná, vindos da região do Chaco. No seu primeiro momento de desterritorialização, atravessaram o Rio Paraguai na metade século XVIII se estabeleceram na margem do Rio Miranda e Aquidauana em território brasileiro, ocupando um vasto território dedicavam-se a agricultura. No segundo momento, houve a Guerra contra o Paraguai, este acontecimento fez com que o povo Terena espalhasse pela região em busca de refúgio. Atualmente encontram-se no estado de Mato Grosso do Sul concentrando a maior parte de suas aldeias nos municípios de Aquidauana, Miranda, Nioaque, Dois Irmãos do Buriti, Anastácio, Sidrolândia e Rochedo, com uma população aproximada de 23.649 índios. Este trabalho busca compreender melhor a trajetória do povo Terena da Terra Indígena de Nioaque, a territorialização no sentido da ocupação e organização sócio-espacial de seu território, e o surgimento de três novas aldeias dentro da mesma área demarcada em 1922 a então atual Aldeia Brejão.

PALAVRAS-CHAVES: Terena, Territorialização, Organização.

ABSTRACT

The Terena are descendants of the Arawak linguistic trunk, Guaná remnants of the nation, from the Chaco region. In his first moment of deterritorialization, crossed the Paraguay River in the mid eighteenth century settled on the river and Aquidauana Miranda in Brazil, occupying a vast territory devoted to agriculture. In the second phase, there was the war against Paraguay, this event caused the Terena people across the region in search of refuge. Currently there are in the state of Mato Grosso do Sul and holds most of their villages in the municipalities of Aquidauana, Miranda, Nioaque, Two Brothers Buriti, Anastasius, and Sidrolândia Rock, with a population of approximately 23,649 Indians. This paper seeks to better understand the trajectory of the Terena people Nioaque of the Indigenous Land, in the sense of territorial occupation and socio-spatial organization of its territory, and the emergence of three new villages within the same area demarcated in 1922 the then current Village Brejão.

KEYWORDS: Terena, Territorialization, Organization

LISTA DE FOTOS/FIGURAS

Figura 1. Limites da TI Nioaque	31
Foto 1. Ponte sobre o rio Urumbeva	32
Foto 2. Relevo em torno da Terra Indígena Nioaque	33
Foto 3. Reunião no Centro Comunitário	355
Foto 4. Confeção de artesanatos	377
Foto 5. Escola Pólo Aldeia Brejão	377
Foto 6. Divisa entre Água Branca e Cabeceira	38
Foto 7. Divisa entre Água Branca e Taboquinha.....	400
Foto 8. Divisa entre Brejão e Taboquinha	411
Foto 9. Casa tradicional	422
Foto 10. Casa de alvenaria	42
Foto 11. Plantações no quintal da casa	4343
Foto 12. Lavoura Terena.....	444
Foto 13. Pequenas criações de gado.....	444

LISTA DE SIGLAS

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

PIN – Posto Indígena Nioaque

SPI – Serviço de Proteção ao Índio

FUASA – Fundação Nacional de Saúde

TI – Terra Indígena

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1 - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS.....	16
1.1. Territorialização e Desterritorialização.....	16
1.2. Identidade.....	18
1.3. Troncos.....	19
1.4. Território Indígena.....	20
CAPÍTULO II - TRAJETÓRIA DE LUTAS E FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO TERENA.....	22
2.1. As lutas.....	22
2.2. Formação do Território Brejão e Água Branca.....	27
CAPÍTULO III - PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO ESPACIAL.....	31
3.1. Contexto Geográfico.....	22
3.2. Formação do Território.....	33
3.3. Das Subdivisões.....	34
3.4. Organização Interna e Limites.....	34
3.5. Das Moradias.....	41
3.6. Do Matrimônio.....	42
3.7. Dos Meios de Subsistência.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	48

INTRODUÇÃO

A TERRITORIALIZAÇÃO TERENA DO MUNICÍPIO DE NIOAQUE: FORMAÇÃO E ORGANIZAÇÃO SÓCIO-ESPACIAL

Devido a crescente pressão dos espanhóis sobre os territórios da nação Guaná que habitavam na região do Chaco no século XVI, levou-os a atravessar o rio Paraguai e deixar a região chaquenha. Os índios Terena chegaram ao Brasil em meados do século XVIII e se estabeleceram no atual Estado de Mato Grosso do Sul, ocupando um vasto território dedicando-se a agricultura.

O conflito entre Paraguai e a Tríplice Aliança, mudou toda forma de vida de toda nação Guaná, começando aí um novo tempo, os conflitos foram exatamente nos territórios destes povos, sofreram ataques e represálias feitas pelas tropas invasoras. Todas as aldeias que existiam na região de Miranda e Aquidauana começaram a se dispersar em busca de refugio, uns em matas na região onde não poderiam ser descobertos, outros na serra de Maracaju. Com o fim da guerra, ao retornar para seus antigos territórios, onde localizavam suas aldeias anterior a referida guerra, já estava sendo disputada por fazendas que começaram a se implantar na região.

Somente a partir da década de 1920 é que as reservas indígenas Terena se consolidaram, um momento que foi fundamental para o reagrupamento de todas as famílias Terena que foram dispersadas pela guerra e que muitos ainda se encontravam sob a servidão nas fazendas. A localização das aldeias ao longo dos tempos se alterou por limitação territorial que foram impostas após a Guerra do Paraguai. Atualmente esses territórios estão espalhados e são cercadas por fazendas. Dentre elas o território indígena de Nioaque – Mato Grosso do Sul.

Dados da Fundação Nacional do Índio – FUNAI comprovam que até o censo do ano de 2010, existem no Brasil cerca de 800 mil índios. Eles estão distribuídos entre 683 Terras Indígenas e algumas áreas urbanas. Há também 77 referências de grupos indígenas não-contatados, das quais 30 foram

confirmadas. Existem ainda grupos que estão requerendo o reconhecimento de sua condição indígena junto ao órgão federal indigenista,¹ . O Estado de Mato Grosso do Sul abriga uma das maiores populações indígenas do país, existem cerca de 79.29 habitantes índios, dentre eles os Terena que estão distribuídos em sete municípios Sul-Matogrosenses: Miranda, Aquidauana, Anastácio, Sidrolândia, Nioaque, Dois Irmão do Buriti e Rochedo. Segundo dados da Fundação Nacional de Saúde – Siasi/Funasa 2010, o povo Terena está com cerca de 23.649 índios,² .

Este trabalho surgiu da necessidade em saber como foi formado o território dos índios Terena localizados no município de Nioaque no estado de Mato Grosso do Sul. Tendo em vista a falta da história da ocupação deste território e os poucos conhecedores que podem contar esta história, já se encontram com idades avançadas e guardam com eles muitas informações sobre todo processo de lutas, estratégias e o caminho percorrido por seus ancestrais para formação deste território.

Mediante o exposto cabe salientar que o objetivo desse estudo foi resgatar a história do povo Terena da Terra Indígena de Nioaque, bem como a trajetória e as disputas territoriais até a formação do território Brejão e a criação das três aldeias: Água Branca, Cabeceira e Taboquinha. Para compreender essa história, fez-se necessário investigar e entender todo contexto histórico desta sociedade envolvente, desde os seus deslocamentos territoriais dentro do Chaco Paraguai, que foram considerados como primeiro momento de sua desterritorialização até a sua territorialização na Terra Indígena Nioaque, localizada a 179 quilômetros da capital do estado do Mato Grosso do Sul.

Para a realização deste trabalho, primeiramente foi feito levantamentos bibliográficos sobre a formação e a organização social da Terra Indígena Aldeia Brejão – Nioaque MS, por ser um tema ainda com poucas referências bibliográficas fez-se necessário a utilização de entrevistas com moradores mais antigos das comunidades indígenas deste local.

A coleta de dados foi feita através de gravações em vídeos no decorrer da pesquisa com a utilização da câmera digital. A pesquisa necessária à realização deste trabalho teve início em meados do mês de julho,

¹ Os dados estão no site www.funai.gov.br, acessado em 17/10/2011.

² Disponível em <http://siasi.funasa.gov.br/portal>. Siasi – Funasa/2010,

estendendo-se até o presente momento. Dentro deste período foram realizadas entrevistas com anciãos da comunidade indígena, sempre começando a conversa com assuntos que trouxessem fatos do passado. Assim as lembranças de um determinado assunto ou acontecimento começaram a surgir, e assim a história que poucos conhecem começam a aparecer e todo relato vai surgindo aos poucos. As entrevistas foram realizadas em dias diferentes, sempre na residência dos entrevistados, onde relataram todas as histórias contadas a eles ou vivenciadas por eles ao longo de seus anos de vida.

Esta pesquisa está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo foram apresentados alguns conceitos necessários para a compreensão desta história tais como: desterritorialização, territorialização, e organização sócio-espacial. Nos pautamos em tais conceitos por acreditar que os mesmos nos ajudam a compreender a importância do território para as sociedades indígenas.

O segundo capítulo destaca os principais momentos vivenciados pelos Terena, processos de mudanças territoriais, lutas e a formação de territórios. Este capítulo está dividido em três grandes momentos: deslocamento dentro do Chaco como primeiro momento de desterritorialização do povo Terena; a participação na Guerra contra o Paraguai que fez com os Terena se dispersasse e a reorganização do povo Terena em seus territórios. As primeiras demarcações das terras indígenas foram realizadas por Candido Mariano da Silva Rondon em 1905, em atendimento as reivindicações dessa sociedade junto ao governo brasileiro, provocando assim, o processo de territorialização entre elas a Terra Indígena Aldeia Brejão em 1922.

O terceiro descreve o espaço geográfico desta área indígena, bem como sua organização sócio-espacial e os motivos que levaram a criação de três novas aldeias dentro da mesma área indígena: Água Branca, Cabeceira e Taboquinha.

Assim, apresentamos neste trabalho as informações sobre a ocupação do território da Terra Indígena de Nioaque, sua formação e organização sócio-espacial criando assim, a possibilidade de ter documentado a história e a realidade atual desse povo.

CAPÍTULO 1 - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Pertencemos a um território, não o possuímos, guardamo-lo, habitamo-lo, empregamo-nos dele. Além disto, os vivos não são os únicos a ocupar o território, a presença dos mortos marca-o mais do que nunca como o signo do sagrado. Enfim, o território não diz respeito apenas à fundação ao ter, mas ao ser. Esquecer este princípio espiritual e não material é sujeitar a não compreender a violência trágica de muitas lutas e conflitos que afeta o mundo hoje: perder seu território é desaparecer (BONNEMAISON E CAMBRÉZY, 1996: 13 – 14).

Este capítulo tem por objetivo apresentar e discutir os conceitos que serão utilizados neste trabalho: territorialização, desterritorialização, identidade, tronco, aldeia e a formação de novas aldeias Terena. Estes conceitos são necessários para compreender a trajetória de lutas, as disputas territoriais, a formação de territórios, bem como os processos de organização e a transformação sócio-espacial.

1.1. Territorialização e Desterritorialização

As terras indígenas ainda continuam sendo um assunto muito polêmico, isso não significa que é um problema recente, mas, que teve início lá no passado com o processo de colonização no século XVI com a chegada dos portugueses aos territórios ocupados por povos indígenas.

Godelier define território a partir de processos de controle e usufruto dos recursos:

Designa-se por território uma porção da natureza e, portanto do espaço sobre o qual uma determinada sociedade reivindica e garante a todos ou a parte de seus membros direitos estáveis de acesso, de controle e de uso com respeito à totalidade ou parte dos recursos que aí se encontram e que ela deseja e é capaz de explorar (GODELIER, 1984, p. 112).

O autor se refere ao usufruto dos recursos naturais e a interação da sociedade com a natureza. Esta definição de território vem de

encontro com a realidade da sociedade indígena em geral, não apenas do povo Terena, onde os mesmos dependem economicamente dos recursos oferecidos pela natureza para sobrevivência. A demarcação e a homologação de seus territórios é o mais reivindicado atualmente pela grande maioria da população indígena, garantindo então, o acesso e o direito a terra onde eles possam viver com dignidade, usufruindo dos recursos existentes no local, que certamente são de fundamental importância para a reprodução e construção de sua identidade.

Para Ramos, território representa o suporte da vida, bem como lugar de reprodução de uma determinada sociedade.

O território é imprescindível para as sociedades indígenas com lugar para sua produção física e cultural. Representando a terra o suporte da vida social ligada diretamente ao sistema de crenças e conhecimentos. Não é apenas um recurso natural, mas – é tão importante quanto este – um recurso sociocultural. O território além de sua inquestionável importância no aspecto físico é também uma realidade socialmente construída, elaborada e intensamente vivida. (RAMOS, 1994, p.57)

O direito ao território próprio segundo a autora permite também a reprodução dos povos, ou seja, para a população indígena representa muito mais que os recursos naturais, ele é visto como algo gerador de raízes e identidade, tão importante e necessário para reprodução seja ela física ou cultural, dando assim continuidade aos preceitos e valores herdados dos seus ancestrais.

Portanto, “É na configuração de um território que as condições e qualidade de vida dos seus habitantes se revelam” (SANTOS, 2003, p. 96).

Território então é o espaço onde a população, principalmente os indígenas, se organizam é à base do trabalho e do sustento que garante uma qualidade de vida e também onde preservam sua cultura, crenças e religiosidade.

A territorialização fica entendida neste contexto como uma forma de acessibilidade, controle e uso dos recursos oferecidos pela natureza, que darão suporte para construção e reprodução da população indígena. Está ligada a maneira como eles utilizam a terra e os recursos existentes em seus territórios,

recursos estes que são utilizados para o sustento e retirados da natureza de maneira fracionada e suficiente.

E quanto a desterritorialização, historiadores relatam que antes da chegada dos colonizadores a América já havia milhões de índios que habitavam o continente e que o grande território brasileiro hoje, já acomodavam aproximadamente 5 milhões de nativos. E então, o primeiro momento da desterritorialização dos povos indígenas aconteceu quando os portugueses se apoderaram do território expulsando-os de suas terras.

Para uns, por exemplo, desterritorialização está ligada à fragilidade crescente das fronteiras, especialmente das fronteiras estatais – o território, aí, é, sobretudo, um território político. Para outros, desterritorialização está ligada a hibridização cultural que impede o reconhecimento de identidades claramente definidas – o território aqui é, antes de tudo, um território simbólico ou, um espaço de referencia para construção de identidades. (HAESBAERT, 2004, p. 35).

Desse modo nos pautamos em HAESBAERT, para salientar a desterritorialização fica compreendida como um processo de desapropriação e desenraizamento que ao mesmo tempo causa grandes impactos culturais na vida dos povos indígenas.

1.2. Identidade

O conceito de identidade está relacionado ao fato de um indivíduo construir a sua própria história. Segundo Erikson (1976), “os processos históricos e o processo de formação se cruzam, e os fatos marcantes em cada cultura serão transmitidos de geração para geração”.

As festas, danças e rituais são eventos importantes e significativos para a comunidade, porque através destes eventos a comunidade indígena vai interagindo, socializando e transmitindo para os mais jovens a importância de preservar não só a cultura como também manter sua identidade.

A antropologia que estuda a cultura do homem e dos grupos humanos, determina que para um grupo ser designado como étnico, deve possuir pelo menos algumas das seguintes características: um crescimento no número de seus membros; compartilhar valores culturais explícitos e

importantes na história do grupo; ter um campo de comunicação e interação, e, finalmente, os membros se identificarem e serem identificados por outros como constituintes de um grupo que se distingue dos demais (OLIVEIRA, 1996).

Essas características estão presentes e são marcantes na vida da comunidade indígena Terena e o território para eles, não representa apenas o espaço físico e geográfico, mas sim, um conjunto de valores, conhecimentos e tradições que são compartilhados construindo assim sua identidade.

Apesar de muitas línguas terem sido extintas no período de colonização, mesmo assim, o Brasil possui uma diversidade de povos indígenas, que são responsáveis pela existência de mais de 180 línguas faladas no país. Os lingüistas classificam as atuais línguas indígenas faladas no Brasil por meio de troncos, famílias e línguas.

1.3. Troncos

Os troncos estão organizados em três línguas: Tupi, Macro-jê e Aruack.

O termo tronco aqui apresentado será utilizado no sentido de ancestralidade, são os casais mais velhos que desempenham o papel de articuladores voltado para os assuntos internos de seus grupos familiares.

Do ponto de vista da etnologia e da arqueologia, tais troncos familiares podem ser entendidos como unidades de ocupação, que quer dizer, espaços ocupados por unidades familiares ligadas por laços de parentesco, aliança e reciprocidade.

Atualmente o estado de Mato Grosso do Sul, possui a segunda maior população indígena do país que é composta por nove etnias: Guarani, Kaiowa, Kadwéu, Kinikinau, Atikum, Camba, Ofayé, Guató e Terena.

Segundo Fernandes Júnior (1997), as etnias Terena vivem em oito municípios do estado de Mato Grosso do Sul: Sidrolândia, Dois Irmão do Buriti, Anastácio, Aquidauana, Miranda, Nioaque, Dourados e Rochedo.

Os lingüistas classificam a língua Terena como pertencentes ao tronco lingüístico Aruack:

Todos estes grupos indígenas que falam a língua Aruack têm diferenças entre si, mas possuem a mesma língua de origem. Além desta proximidade que indica uma origem comum, estes grupos têm semelhanças na forma de sua organização social. Todos esses grupos possuem ou possuíam formas de organização internas características, sendo tradicionalmente agricultores e conhecedores das técnicas de tecelagem e cerâmicas. (BITTENCOURT & LADEIRA, 2000, p 18).

De acordo com BITTENCOURT & LADEIRA, os povos Terena são grupos étnicos diversos e diferenciados, mas possuem entre eles algo em comum, que é a língua indígena. A língua é um elemento cultural importante para a formação identitária deste povo, bem como suas tradições, vale ressaltar que cada grupo possui suas histórias, seus costumes e suas organizações. Em cada território há uma maneira própria de se organizar.

1.4. Território Indígena

O conceito de território indígena aqui utilizado se baseia a partir das contribuições da antropologia, que não se difere muito dos conceitos de território descrito anteriormente. Define, usualmente, o território indígena como todo espaço que é imprescindível para que um grupo étnico tenha acesso aos recursos necessários ao seu bem estar que tornam possível a sua reprodução material, espiritual e cultural.

Assim, o conceito de aldeia apresentado é com base na percepção dos Terena. Para eles a aldeia tem o sentido de uma rede de alianças, a forma de ocupação e organização entre os conjuntos de troncos, é o local onde se combinam valores e regras, bem como a utilização dos recursos naturais existentes em seus territórios.

A área ocupada por um ou mais troncos familiares chamada de aldeia pelo Terena, assim vista a partir de uma visãoêmica sobre sua forma de organização socioespacial, pode ser interpretada como uma unidade de ocupação, ou seja, o espaço ocupado por unidades familiares ligadas por laços de parentescos, aliança e reciprocidade. (EREMITES DE OLIVEIRA & PEREIRA, 2003, p 26).

Fica evidente que a aldeia tanto na percepção dos Terena como para os autores citados acima, é um povoado pertencentes a um mesmo grupo de parentescos que se organizam entre si, e uma das características marcante destes povos é que eles são muito solidários, mesmo quando o grau de parentesco é mais distante.

A formação de novas aldeias Terena acontece devido ao enorme crescimento da população indígena que ao longo dos anos casam-se formando assim novos núcleos familiares. Em todos os Postos Indígenas Terena, anteriormente denominados Reservas Indígenas, hoje, a aldeia é a unidade social mais inclusiva, dotada de autonomia, política própria, e que possui um cacique e um conselho tribal que representa sua comunidade em eventos, reuniões e também responde pelas políticas internas da mesma.

CAPITULO II - TRAJETÓRIA DE LUTAS E FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO TERENA

Quando os Terena solicitaram a demarcação do território não estavam pedindo, um presente do governo ou de Rondon. O povo Terena havia enfrentado o exército paraguaio para proteger suas terras. A demarcação das áreas Terena foi à confirmação de um direito muitas vezes conquistado no decorrer de sua história. (Bittencourt & Ladeira, 2000, p. 100)

2.1. As lutas

A maior parte das terras conquistadas pelos europeus no século XVI estava na América e habitada por um grande número de povos que passaram a ser conhecidos como indígenas.

Este segundo capítulo tem por objetivo contextualizar os momentos históricos vividos pelo povo Terena em específico o do Posto Indígena Brejão em Nioaque, analisando o processo de mudanças territoriais, territorialização e desterritorialização, bem como a trajetória de lutas por eles enfrentadas em busca da sobrevivência física e cultural.

Para melhor compreensão dessa trajetória, ela será aqui retratada em três grandes momentos que são a desterritorialização, a Guerra do Paraguai e a formação do território Terena Aldeia Brejão e Água Branca, localizada no município de Nioaque no Mato Grosso do Sul.

Segundo Eremites e Pereira (2003), os Terena possuem sua origem no subgrupo Guaná pertencentes ao tronco lingüístico Aruack.

“Guaná – Txané, também citado como Guaná – Chané ou Chané – Guaná, é uma categoria genérica utilizada por cronistas e viajantes antigos para designar vários grupos étnicos que habitavam a região do chaco e do pantanal, pertencentes ao tronco lingüístico Aruack, hoje englobados pela designação de Terena – Guaná é um termo Tupi, sendo, portanto, uma autodenominação. Os Guaná falavam, até o período anterior a Guerra entre o Paraguai e a Tríplice Aliança (1864 – 1870), diversos dialeto Aruack, Echoaladi, Kinikinau e Laiana”. (OLIVEIRA & PEREIRA, 2003, p. 242)

Os Terena viviam segundo, as primeiras informações dos cronistas do século XVI, na região do Chaco há pelo menos cinco séculos como povos agricultores, aproveitando-se das porções de terras cultiváveis da região. Mas de fato não existem pesquisas arqueológicas que possam comprovar com segurança em que período essas sociedades se instalaram naquela região. (AZANHA, 1993).

A região chaquenha ou Chaco, ocupa cerca de 700 mil quilômetros quadrados de extensão que abrange os territórios da Argentina, Paraguai, Brasil e da Bolívia possuindo características semelhantes as do Pantanal Sul-Mato-Grossense. (CARVALHO, 1992)

Os Terena habitavam a região oposta a foz do rio Apa, mais a oeste da aldeia dos índios Laiana e próximo aos Kinikinau, que como os Terena eram subgrupos da grande nação Guaná. Nessa região viviam também os Mbayá Guaicuru, que atualmente são conhecidos por Kadwéu.

Os deslocamentos territoriais dentro do Chaco Paraguai foram considerados como primeiro momento da desterritorialização Terena, devido a presença primeiramente dos espanhóis, chegando ao Chaco Paraguai a partir do século XVI, seguidos pelos portugueses, à medida que o interesse deles pelas terras do interior do Paraguai foram aumentando, também foram surgindo os conflitos com as tribos ali existentes.

O deslocamento ou desterritorialização Terena foi causado por diversos fatores, mas destacam-se principalmente as questões econômicas, as necessidades dos territórios para a ocupação lusa e espanhola. Que por sua vez, envolviam diretamente as regiões ocupadas pelas sociedades indígenas que habitavam o Chaco Paraguai, esse território tornou-se prioridades para os colonizadores que chegaram a se apossar das terras através da expansão colonial. Os índios foram perdendo seu espaço territorial para interesses dos colonos. A partir desse momento, começaram a procurar por outras áreas para se fixarem (SCHUCH, 1995).

“De um modo geral, a migração dos diferentes grupos Chané em direção ao Rio Paraguai esteve relacionadas ao andamento do processo de colonização do Paraguai, conforme foi aumentando o interesse dos colonos pelas terras do interior do Paraguai, foram surgindo os atritos com tribos Chané. O fato de se tratar de alguns agricultores e, em casos também,

pecuaristas, fez com que as disputas pelas terras e pastagens e atingisse um nível de conflito que dificilmente poderia ser remediado. Diante da superioridade da sociedade hispânica, que tinha mecanismos eficientes para impor sobre os grupos agricultores, não restou outra opção aos Chané que buscar a outra margem do rio Paraguai. (SCHUCH, 1995, p. 53-54).

As primeiras levas vindas do Êxiva atravessaram o Rio Paraguai, no século XVII e as primeiras informações escritas sobre a presença Terena na região foram no ano de 1760, onde os mesmos eram conhecidos como excelentes lavradores e conhecedores de técnicas de plantio que facilitou na aproximação e contato com outras etnias que realizavam atividades diferentes como os Mbaya – Guaicuru, vieram se deslocando acompanhando seus aliados.

A aliança entre Guaná e Guaicuru foi possível por serem povos de vida diferente. Os Guanás eram hábeis agricultores que viviam das roças próximas as suas aldeias e os Guaicuru, vivendo da caça e da pesca, controlavam vastos territórios. (BITTENCOURT e LADEIRA, 2000, p. 36).

As autoras afirmam que a relação entre as duas etnias foi de aliança e que essas alianças entre eles foram fundamentais nas lutas contra seus inimigos.

Segundo SCHUCH (1995), a presença dos Terena na margem oriental do Rio Paraguai, ocorreu durante a segunda metade do século XVIII, período em que os Terena ocuparam um vasto território, no atual estado de Mato Grosso do Sul, os Terena, os Kinikinau e os Laianas reconstruindo suas aldeias próximas do Forte Coimbra e vilas das Serras do Albuquerque, entre os rios Paraguai e Miranda.

Na época em que os Terena deixaram o Êxiva, a região de Miranda era desabitada. Eles foram os primeiros a ocupar a área. A ocupação pelos portugueses começou depois da descoberta do ouro na região de Cuiabá no Mato Grosso, no século XVIII. Várias povoações foram fundadas pelos portugueses nessa época: Cuaibá (17727); Albuquerque e Vila Maria (1778). (BITTENCOURT e LADEIRA, 2000, p. 41).

Ainda nesse mesmo século, essa região passou a ser disputada pelos colonizadores, onde as várias tribos da região foram envolvidas nessas

lutas, para defender seu povo e suas terras. Entre elas os Terena que se aliaram com os portugueses e os Guaranis se juntaram com os espanhóis para lutar contra seus antigos inimigos os Guaicurus (dos quais os Kadwéu são descendentes).

A construção do Forte de Coimbra (1775), o Forte Dourado e Presídio de Miranda (1778) pelos portugueses tinha como objetivo defender suas fronteiras dos ataques dos espanhóis, além das construções tinham um acordo com os índios que vendiam seus produtos no Forte Coimbra que em troca recebiam objetos de metais e tecidos. Enquanto os espanhóis queriam instalar fazendas para efetivar a posse da terra na região e expulsar as populações nativas (BITTENCOURT e LADEIRA, 2000, pg 41).

E mais uma vez a população nativa passou a enfrentar problemas semelhantes ao do seu antigo território durante o processo de colonização. Os deslocamentos territoriais enfrentados pelas sociedades indígenas, desde o território paraguaio até o território brasileiro, estavam profundamente ligados às questões econômicas e aos interesses dos colonos.

O segundo momento muito significativo na vida dos povos Terena, foi a Guerra do Paraguai, ocorrida entre (1846-1870), além dos países envolvidos na guerra, também fizeram parte dela os escravos de origem africana e os povos indígenas que habitavam as regiões próximas do rio Paraguai. Lutaram ao lado do exército brasileiro para preservar seu território e também como fornecedores de alimentos para a tropa de combatentes.

Alfredo Taunay que foi um dos principais cronistas durante a Guerra do Paraguai, registrou em suas obras o envolvimento dos Terena e demais povos indígenas nesta batalha. Em seu livro “A Retirada da Laguna”. Alfredo Taunay (1935) registrou que:

No caminho para Nioac, tentando proteger a vila de outro saque dos paraguaios, a coluna de soldados foi atacada pela epidemia da cólera que matou muitos soldados. Um dos primeiros a morrer pela doença foi um Terena... pouco depois morrera com um dia de moléstia apenas, um índio Terena recebido na enfermaria de Bela Vista. (TAUNAY, 1935, p. 34).

No decorrer desta guerra, muitos índios foram dizimados, foram infectados por doenças contagiosas, muitas aldeias foram destruídas causando

a dispersão do povo Terena, e afirmou também que no distrito de Miranda havia mais de dez aldeias esparramadas pela região e que os Terena formavam a maior parte da população indígena da região. Destacou também a importância dos índios como soldados e guias, pois os mesmos eram profundos conhecedores da região, além de serem responsáveis pelo abastecimento de alimentos para as tropas brasileiras, como também pelas informações que chegavam até o exército e foram importantes para o sucesso contra os paraguaios.

Depois de muitas lutas e perseguições, os Terena se depararam com uma nova situação que era a perda de seus antigos territórios localizados entre os rios Miranda e Aquidauana que devido o segundo ciclo de povoamento ocorrido depois de 1869, acabou intensificando a formação e desenvolvimento das fazendas na região, criando-se para essa sociedade uma outra situação a desterritorialização, restando para os poucos sobreviventes retornar para os lugares que habitaram durante o período de guerra.

Segundo ALTENFELDER Silva (1949), logo após o fim da guerra, os Terena encontravam-se nas seguintes localidades.

Pouco após a campanha do Paraguai, habitavam os Terena, segundo eles próprios informaram, as seguintes aldeias: *Ipegue* (em terra compreendida entre as atuais aldeias de Ipegue e Bananal); *Imokovookoti* (nas imediações da atual aldeia de Cachoeirinha); *Tuminiku* (nas proximidades da atual aldeia de Bananal); *Coxi* (próximo ao córrego de Taquari); *Naxe-Daxe* (nas proximidades do córrego do mesmo nome); *Háokoé* (nome Terena para o fruto do pindó; situava-se a aldeia a uma légua de *Tuminiku*); *Moreira e Akuleá* (ambas nas proximidades de Miranda); *Kamakuê* (próxima a aldeia de Duque Estrada); *Brejão* (próxima a Nioaque); *Limão Verde* (próxima a Aquidauana); *Cerradinho* (na área do atual município de Campo Grande). Nessa época estimava-se os Terena entre 3 a 4 mil. (ALTENFELDER SILVA, 1949, p. 281)

Com os novos ocupantes na região, os donos da terra e configuraram a uma outra situação, a de mão-de-obra explorada nas fazendas recém criadas, nas terras onde tradicionalmente ocupavam.

Os indígenas sobre tudo os Terenas, transformaram-se no principal elemento de mão-de-obra nas fazendas que se organizaram no sul de Mato Grosso, na condição de vaqueiros

e em outras atividades que se desenvolveram por toda região, como lavoura, colheita e preparo de erva-mate, ipeca, borracha e também nos transportes como barqueiros ou remeiros – enfim, em todos aqueles postos que a nova civilização exigia (ESSELIN, 2003, p. 233).

Situação esta que foi denunciada pelo General Candido da Silva Rondon, que entre os anos de 1900 até 1906, se estabeleceu na região para a construção das linhas telegráficas.

Em função de sua participação ao lado do exército brasileiro contra a invasão paraguaia, na defesa do território nacional, os índios Terena não aceitando mais as condições de escravos, nas fazendas como vaqueiros, na lavoura e outras atividades, passaram a reivindicar junto ao governo brasileiro novamente a posse e o direito de permanecer nos seus antigos territórios. Estas reivindicações foram feitas pelos Terena desde a meia metade do século XIX. E através da reorganização dessa sociedade indígena Terena passando a reivindicar seus antigos territórios que ocupavam na região de Miranda, provocou o processo de territorialização, passaram a reconstruir parte de seus antigos territórios como também a conquista de outros espaços territoriais, transformados em reservas indígenas pelo SPI (Serviço de Proteção ao Índio), quase todas as áreas Terenas foram demarcadas na época do SPI (1914 – 1966).

No início do século XX, ocorreu a primeira demarcação das terras indígenas em Cachoeirinha na região de Miranda, realizada por Candido Mariano da Silva Rondon, demarcada em 1905, no mesmo ano foi demarcada também a reserva do Ipegue, que atualmente pertence ao município de Aquidauana.

A territorialização dos índios Terena fora da área que tradicionalmente ocupavam, foi que surgiu e formou a reserva indígena Brejão, Buriti e Limão Verde. Iniciando a partir daí, as localizações de outras terras indígenas que também se formaram após a guerra no Mato Grosso do Sul.

2.2. Formação do Território Brejão e Água Branca

O segundo momento de desterritorialização vivenciado pelos povos Terena ocorreu após a Guerra contra o Paraguai, devido à pressão que os

mesmos estariam enfrentando por parte dos fazendeiros que ocuparam as terras abandonadas pelos indígenas durante o conflito. Em função da evasão dos índios Terena de suas áreas originárias para o alto da Serra de Maracaju é que se formou a Terra Indígena Brejão, localizada no município de Nioaque no Estado de Mato Grosso do Sul, tendo ao norte o rio Urumbeva e a leste a Serra de Maracaju. (OLIVEIRA, 1976).

Durante o conflito, ocorreu um processo de desterritorialização. Os índios Terena esparramaram-se dividindo suas aldeias pela região da Serra de Maracaju e seus arredores. Após o fim do conflito no retorno a suas comunidades, encontraram-nas ocupados por fazendeiros e ex-combatentes que por aqui permaneceram. (OLIVEIRA & PEREIRA, 2003)

Em 1883 o Capitão Vitorino era chefe de uma das mais antigas aldeias Terena, a Naxe-Daxe, que era localizada na região de Miranda e que foi ocupada pelos colonos que ali se estabeleceram no término da guerra, e com a perda de suas terras, o índio Joaquim Vitorino, que era mais conhecido como “Capitão Vitorino”, por ter lutado na Guerra do Paraguai, chegou a Nioaque em 1884 com sua família e alguns patrícios e se estabeleceram na região.

Precariamente se estabeleceram, pela pretendida mata do Urumbeva, mais não sozinhos, pois logo chegaram os regionais pobres e os fazendeiros que passaram a ocupar estas terras e a disputá-las com os índios Terena. Todos se sentiam no direito de desapropriarem os índios dos territórios em que se encontravam e não respeitavam a ocupação indígena, que já se fazia presente na região. (VARGAS, 2003, p. 99)

De acordo com Vargas, mais uma vez os lugares ocupados pelos Terena e demais índios após o período da guerra (inclusive a partir de 1884 ocupado pelo Capitão Vitorino com seus patrícios e familiares) logo passou a ser disputada pelos regionais pobres e fazendeiros que se diziam ter direitos a posse na região de Nioaque.

Em 1908, o Capitão Vitorino reivindica junto às autoridades brasileiras as terras onde morava com seu povo no “Urumbeva” (localidade próxima ao rio Urumbeva, em Nioaque), solicitando parte dessa área que fosse suficiente para reconstrução e reorganização do território ocupado por eles

antes da Guerra, não obtendo resposta no mesmo ano, volta a solicitar novamente no ano de 1909 a demarcação do território para moradia exclusiva dos índios Terena que continuaram a persistir reivindicando a demarcação de suas áreas.

Em 1920, o então diretor do SPI, Luiz Bueno Horta Barbosa recebe um relatório lhe informando que o índio Terena Joaquim Ribeiro estava naquela inspetoria para solicitar providências do responsável para legalizar as terras em que os índios Terena se encontravam no Brejão. Este relatório continha informações de sua localização, população e pressão que os fazendeiros exerciam sobre eles para deixarem as terras que ocupavam. (VARGAS, 2003, p.103).

O processo de territorialização dos índios Terena sob a chefia do Capitão Vitorino nomeado em 20 de março de 1883, como chefe da aldeia “Naxe-Daxe” seu antigo território ocupado pela proliferação das fazendas na região de Miranda logo após a Guerra do Paraguai. O processo começou em 1884, sendo realizada a demarcação por Nicolau Bueno Horta Barbosa e legalizada em 1924 (mesmo tendo reduzido ao mínimo possível o seu território), mas homologada somente em 1992 pelo nº 611 de 14 de dezembro. O governo do Estado por meio desse decreto estabeleceu a demarcação das terras dos índios Terena na aldeia Brejão, com uma área de 2800 hectares de terras demarcadas e homologadas.

Em 1919 um documento do SPI (Serviço de Proteção ao Índio), relata que as terras do grupo do Capitão Vitorino nesse período tinham em torno de 200 pessoas dividido em onze ranchos, ocupavam uma área de duas léguas da cidade de Nioaque, no ainda não dividido Mato Grosso. Relatava também que esta Terra Indígena foi formada inicialmente por dois pequenos núcleos que são a Aldeia Brejão e a Aldeia Água Branca fundada em 1904, pela família do Capitão Vitorino e seus patrícios que saíram de uma antiga aldeia chamada Laranjal, localizada ali mesmo dentro da reserva na época e o segundo núcleo era a Aldeia Água Branca que possuía 14 ranchos estabelecidos às margens do rio Urumbeva.

Somente a partir de 1989 a FUNAI (Fundação Nacional do Índio), revê os limites territoriais dos índios Terena da Aldeia Brejão, e estabelece uma

área de 3029 hectares passando a constituir as aldeias Brejão, Água Branca, Taboquinha e Cabeceira.

TERRITÓRIO TERENA NO MUNICÍPIO DE NIOAQUE MS



Figura 1. Limites da TI Nioaque

Fonte: <http://maps.google.com.br>

Esta Terra Indígena possui uma extensa área de mata com diversas espécies de árvores nativas que são utilizadas pelos indígenas de forma racional, na construção de suas casas, lenhas e cercas. A cobertura vegetal permanece ainda preservada.

CAPÍTULO III - PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO ESPACIAL

A riqueza da diversidade sociocultural dos povos indígenas representa uma poderosa arma na defesa dos seus direitos e hoje alimenta o orgulho de pertencer a uma cultura própria e de ser brasileiro originário. A cultura indígena em nada se refere ao grau de interação com a sociedade nacional, mas com maneira de ver e de se situar no mundo; com a forma de organizar a vida social, política, econômica e espiritual de cada povo. Neste sentido, cada povo tem a sua cultura distinta da outra, porque se situa no mundo e se relaciona com ele de maneira própria. (LUCIANO, 2006, p. 444)

Este terceiro capítulo tem como objetivo, descrever as características do espaço geográfico da Terra Indígena de Nioaque Mato Grosso do Sul, bem como sua organização interna que desencadeou na divisão e criação das demais aldeias: Água Branca, Cabeceira e Taboquinha. A Terra Indígena de Nioaque que atualmente é composta por quatro aldeias.

3.1 CONTEXTO GEOGRÁFICO

Dentro do contexto geográfico regional a Terra Indígena Brejão situa-se na margem esquerda do rio Urumbeva (foto 1), faz limite com a fazenda Urumbeva e com a fazenda Serro Azul.



Foto 1. Ponte sobre o rio Urumbeva
Foto: RSouza, 2011.

Em termos regionais a Aldeia está localizada em meio ao relevo plano e levemente ondulada no município de Nioaque, encontra-se no Centro-Oeste de Mato Grosso do Sul (foto 2). O território da Aldeia possui pouco mais de 3.029 hectares, com um perímetro de 26.669,414m, e aproximadamente 1.700 habitantes. Está localizada no Município de Nioaque a 179 km da capital do Estado de Mato Grosso do Sul – Campo Grande. Uma estrada de chão com cerca de 2 km em boas condições leva até a Rodovia Luiz dos Santos BR 060 sentido Nioaque-Campo Grande conectando-a com o perímetro urbano de Nioaque.



Foto 2. Relevo em torno da Terra Indígena Nioaque
Foto: RSouza, 2011.

3.2 FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO

No principal núcleo habitacional da Aldeia, denominado Sede, está localizado o Posto Indígena que foi fundado nesta Aldeia em 1925, por Celso Nicolau Horta Barbosa pelo decreto de 1922 recebendo o nome de Posto Indígena Capitão Vitorino. Após a sua criação começa a vinda de índios de toda parte para a Aldeia Brejão. A terra Indígena de Nioaque começou a ser formado por apenas dois pequenos núcleos: a Aldeia Brejão tem seu ano de fundação em 1904 pela então família do “Capitão Vitorino” e a Aldeia Água Branca, que posteriormente sofreu as divisões internas em função de três

aspectos: busca de poder, grupos familiares, facilidade de administrar e organizar a aldeia.

3.3 DAS SUBDIVISÕES

Além da localidade Sede, a Aldeia apresenta mais três outros núcleos populacionais, Taboquinha, Água Branca e Cabeceira, que podem ser considerados subdivisões da Sede, todas umas próxima das outras. Todas estas localidades estão conectadas por ruas, estradas e trilhas diversas e uma rua principal que corta toda extensão da Aldeia ligando-as também ao perímetro urbano de Nioaque. Assim como em outras, ao longo dos anos, a população foi aumentando consideravelmente e ocupação espacial do território começou também a se definir e tomar um rumo. A Aldeia Brejão foi definitivamente considerada Sede e era chefiado pela família Vitorino, mas na Aldeia Água Branca foi necessário haver divisões internas, todas as decisões que eram tomadas apontavam para este lado. Como a forma organizacional do povo Terena é o grupo de parentesco e esta força social é muito respeitada, na Água Branca havia três grandes grupos familiares onde cada uma delas estabeleceu suas residências em um determinado setor da Terra Indígena. Outro fator que contribuiu muito para esta divisão interna é o fato de que os Terena sempre lutaram para adquirir espaço e poder, havendo a divisão em três aldeias a disputa pelo poder também aumentaria, pois aumentaria também o número de Caciques e Lideranças na Terra Indígena que possibilitaria também organizar as comunidades com uma facilidade maior, isso faria também aumentar a força interna da Terra Indígena de Nioaque – Mato Grosso do Sul para busca de recursos e soluções.

A Terra Indígena de Nioaque conta com uma escola de ensino fundamental e médio, um posto de saúde, energia elétrica, água encanada, entre outras facilidades de caráter público.

3.4 ORGANIZAÇÃO INTERNA E LIMITES

Atualmente a Terra Indígena Nioaque é composta por quatro aldeias onde cada uma delas é dotada de autonomia política própria, ou seja, possui um Cacique e um Conselho Tribal, que responde pela comunidade. Cada aldeia resolve assuntos internos entre seus membros. Os assuntos

relacionados ao conjunto das aldeias da Terra Indígena, são tratados em grandes reuniões, com a presença de todas as lideranças tribais, geralmente realizadas no Posto Indígena da Sede Aldeia Brejão. (foto 3).



Foto 3. Reunião no Centro Comunitário
Foto: RSouza, 2011.

Cada aldeia é constituída por moradias que são construídas dentro de seus limites estabelecidos por marcos que podem ser em formas de cerca ou uma determinada referência da natureza, mas que são rigorosamente respeitadas por cada aldeia. Todas as aldeias têm sua regra de conduta interna que é de conhecimento de todos os moradores e são cobrados e cumpridos. A matéria prima da Terra Indígena Nioaque é usufruto de forma geral para as quatro aldeias desde que seja para uso interno.

Cada aldeia tem sua organização interna, são os Caciques e suas Lideranças Tribais que articulam todas as ações e as encaminham. O cargo de Chefia do Posto Indígena na Sede é um cargo onde a pessoa que assumir, tem que ser avaliado internamente por sua conduta, reputação e principalmente o respeito que o mesmo tem das quatro comunidades indígenas, tudo é levado em consideração. As mulheres das comunidades indígenas atualmente têm participado cada vez mais nas ações e decisões internas das aldeias e até fazendo parte do corpo de Lideranças Tribais.

Sobre a Aldeia Brejão o Sr. José da Silva relata:

Aqui era devoluto né?, aí foi, o governo requereu né? Essa terra até lá Espócia até no Urumbeva, aí dexaro metade pra lá. Aí midiro isso foi no ano de 1924, quem fundô aqui foi Joaquim Vitorino, avô do meu vô Chico Vitorino. Naquela época só tinha Terena.

Aqui era uma mataria sem fim, num tinha quase estrada, aqui era isolado o lugar, num tinha quase ninguém depois que veio o pessoal da minha vó que aumento, aqui a patriciada tinha bastante gadinho, roça, fazia pamonha biju, chipa, trabalhava bastante em lavora, era bastante mandioca, farinha, porvilho, pra planta era só na foice no machado e no saracuí, e plantavam em outubro, melhor mês pra planta, era uma alegria pra nois se reni e falar no nosso idioma né? Agora não acontece mais isso né?

As doenças era tratada com remédio do mato, raiz, raizada, depois que veio tal de Orlando Pascoal aí enfermeiro, nois morava lá na berada do corgo perto do bebedô do Surga, passava pelo mato aí, naquele tempo ninguém passava aí no meio desse brejo aí. Aqui tem dois cimitério porcausa da febre braba né? Morreu muita gente aí fizero aquele cimiterio lá longe né? Esse outro aqui que fez ele foi finado Zacaria, pai da Donha. Aqui a primeira escola era uma casinha de paia não tinha professor, quem ensinava era a muié do seu Otavio, que era chefe aí. Hoje tá tudo diferente né? Mudô tudo, acho que ta mais fácil pro pessoal. (José da Silva, 2011, Aldeia Brejão).

A Senhora Luzia da Silva Lisboa, completa:

Vim de Lalima pra cá, nois viemo a pé, posamo lá num tal de marimondo, no meio de bastante gado. Quando chegamo aqui tinha poquinho moradô, tinha só finado se Salú lá, tal de Maria Joana que morava pra lá, era bem poquinho, febre mato tudo, febre brabo, ficô um punhadinho só. Chico Casimiro que era capitão aqui, morava lá onde Chiquinho mora, era pai da Angelina. Aqui é Brejão por causa desse brejo grande aí e é só brejo inté agora. A escola era de paia forrada com pedra, na frente dela era um baita manguero, tinha bastante gado né? Aí davam leite pra cada um dos índios. Todo mundo trabaiava junto fazia mutirão até a muierada né? Trabaiava tamém, minha mãe fazia bastante rede com algodão. Quando chegamo aqui quase todo mundo falava o idioma, hoje é bem poquinho né? Só eu, Adão, véia Luiza, Venâncio, Zezinho, e a Ilza. (Luzia da Silva Lisboa, 2011, Aldeia Brejão).

Atualmente a Aldeia Brejão é composta por 594 habitantes, possui duas associações, uma de esporte – AEB (Associação Esportiva da Aldeia Brejão), outra de mulheres – AHYAB (Associação Hanaiti Yomomo Aldeia

Brejão), que trabalha na confecção de artesanatos (foto 4) e frutos do cerrado. Possui uma escola Pólo que atende o ensino fundamental no período diurno, Ensino Médio e EJA no período noturno (foto 5), e um Posto de Saúde.



Foto 4. Confecção de artesanatos
Foto: Alexandre, 2011.



Foto 5. Escola Pólo Aldeia Brejão
Foto: RSouza, 2011.

É administrada pelo Cacique Roque Pereira Cabrocha e seus Conselheiros Tribal

A Aldeia Água Branca é a primeira divisão interna que ocorreu neste território na década de 40 do século XX, e tem um motivo de ter esse nome como destaca o Sr. Nélio antes da divisão interna:

Meu pai tinha uma família até grande, nois não morava aqui, nois morava em no no município de Maracaju ele tomava conta de uma fazenda, aí quando ele sentiu que deveria de vim procurar um lugar, ele viajava muito né transportano boi, puxano boi, boiada, ele conheceu passano por aqui, ele conheceu essa aldeia aqui, quando ele saiu da fazenda ele veio pro Brejão, chegando em 1942, viemos de lá ainda na época num carro de boi até a aldeia do Brejão, meu pai tinha carro de boi dele memo, quando saimo lá da fazenda Santo Antonio em Maracaju. No Brejão nós moramo pouco tempo lá, aí nesse trajeto que ele fazia do Brejão pra Nioaque, ele ficou conheceno aqui esse lugar aqui a Água Branca. Porque que é Água Branca, porque tem aquela vazante aquela nascente ali, e aquela nascente a água era branca memo, hoje mudou a água é uma água normal, mas naquela época era uma água branca memo, então que trouxe esse nome de Água Branca. (Nélio Marques, 2011, Aldeia Cabeceira).

Está atualmente com 320 habitantes, possui uma extensão da escola Pólo que atende o Ensino Fundamental e um Posto de Saúde que atende três comunidades indígenas: Taboquinha, Cabeceira e Água Branca. É administrada pelo Cacique Fidelino Nunes Laureano e seus Conselheiros. Tem como divisa o pontilhão (foto 6), ficado do lado esquerdo.



Foto 3. Divisa entre Água Branca e Cabeceira
Foto: RSouza, 2011.

A Aldeia Cabeceira é a segunda divisão interna que ocorreu, fazia parte da Aldeia Água Branca, foi criada e fundada em 16 de fevereiro de 1998, por se tornar grande demais a divisão facilitaria a organização e administração interna, como conta o Sr. Nélio Marques:

...Então o que que ele fez, ele conversou com o chefe lá na época e mudamos pra cá, mudamos ali onde é a casa do Zabelino, falecido, e ali ele construiu dos filhos a vida dele também, e tá aqui até hoje. Dedse e 1947 até hoje, ainda vivemos nesse território onde era todo Água Branca, hoje eu vivo em outra aldeia, aonde nós conquistamos separar da Água Branca, pra formar outra família nessa aldeia aqui aonde que tá vivo hoje que chama Cabeceira. Eu vou contar o motivo, o porque que nós pensamos em fazer essa divisão, porque a Aldeia Água Branca ela cresceu muito, ela tava com quase duzentas famílias, aonde eu também era cacique na época trabalhei ali 10 anos como cacique, senti a dificuldade que cada cacique que passava, porque a aldeia era muito grande e pra um cacique só administrar todo esse povo era muito difícil, num é que hoje é fácil, mas quando se trata de uma família pequena aí o tratamento é melhor, então nós conseguimos conversando com outras pessoas que morava aqui na aldeia e mora ainda até hoje, mas tem gente que já passou pra vida eterna, conversamos com outras famílias que era mais antigas aqui, que ajudou nós nessa construção, essa ideia de formar uma comunidade foi minha junto com outras famílias que existia aqui, como Zabelino, Ângelo, Donata que já faleceram. A primeira reunião pra história da Cabeceira que nós tivemos foi em 1998 no dia 16 de fevereiro, onde aqui na Cabeceira era constituída de 46 famílias, reunimos nesse dia ali na casa do seu Pedro Sapé e levamos essa ideia, por este motivo de ser difícil pra um cacique só administrar Cabeceira e Taboquinha, que naquela época num existia nem uma das duas era tudo Água Branca. E hoje tá aí, foi reconhecida no mesmo ano pela Funai, e por aí nós começamos um trabalho imediatamente, quando foi admitida pela comunidade a formação daqui, já me nomearam a comunidade daqui sem eleição sem nada como cacique, trabalhei quatro anos aí saí passaram mais três caciques aqui, voltei e fiquei mais quatro anos e saí faz quatro anos, hoje nós temos aqui com bastante famílias. (Nélio Marques, 2011, Aldeia Cabeceira).

Quanto à presença de índios da etnia Atikum na Aldeia Cabeceira, ele diz:

Eles vieram pra cá em 1986, 1988 mais ou menos, e estão aí, tem um pouco deles aí, mas hoje são poucos, porque as pessoas que vêm de outros estados eles num conhecem como que é o ritmo nosso aqui, e esses que são aí porque nós sempre fomos

duro naquilo que é do interesse da comunidade e esses que tão aí, estão apto aos nossos costumes, e outro que saíro é porque não quisero curvar sobre nossa justiça, sobre nossas disciplinas e sobre nossos costumes daqui, pegaro e saíro, porque nois não podemos segurar ninguém, quem não quiser se curvar sobre nossos regime aqui dentro, então que sai fora e não traga problemas pra comunidade. Já tem família do Atikum que é constituído tamém por Terena, o Terena casou com Atikum, o Atikum com Terena, então já ta mais ou meno misturado, mas não é muito tamém não. (Nélio Marques, 2011, Aldeia Cabeceira).

Atualmente a aldeia Cabeceira conta com uma população de 305 habitantes. Possui uma escola que extensão da escola Pólo, onde são ministradas aulas de 1º ao 4º ano.

A aldeia Taboquinha sendo esta a mais nova das divisões, recebeu este nome em homenagem a um dos primeiros moradores da aldeia, o índio Terena Cipriano da Silva, que ao chegar nesta aldeia se estabeleceu próximo onde havia um tabocal muito grande, surgindo daí então, o nome Taboquinha. Surgiu também a idéia de divisão por ser muito grande, havendo a divisão facilitaria a administração e organização da Aldeia. É comanda pelo Cacique João da Silva e seus conselheiros tribais. Tem como divisa com a Água Branca a casa do Sr. Otacílio Cotócio (foto 7), e com a Aldeia Brejão a casa do Sr. Rosalino (foto 8).



Foto 7. Divisa entre Água Branca e Taboquinha
Foto: RSouza, 2011.



Foto 8. Divisa entre Brejão e Taboquinha
Foto RSouza, 2011

Conta com uma população de 318 habitantes, a escola e o posto de saúde que freqüentam é na Aldeia Brejão ou na Água Branca.

3.5 DAS MORADIAS

As casas dos grupos familiares Terena, em geral, são construídas umas próximas das outras, onde há cooperação econômica, partilha de alimentos, reciprocidade, onde é constituída então uma unidade de produção, sendo que o apoio mútuo é a regra geral de integração social entre os grupos de irmãos, pois o que garante a unidade, o crescimento e o peso político é a capacidade de liderança de seu chefe. As moradias, são edificadas principalmente com madeiras, bambu e sapé (foto 9), embora também existam casas exclusivamente de madeira e alvenaria (foto 10), são construídas formando pequenos núcleos compostos por várias casas habitadas por famílias aparentadas.



Foto 9. Casa tradicional
Foto RSouza, 2011.



Foto 10. Casa de alvenaria
Foto: RSouza, 2011.

3.6 DO MATRIMÔNIO

O matrimônio também segue o regimento interno de cada aldeia, o casamento do indígena ou da indígena com os não-índios não é impedido nem proibido, mas a jovem indígena que casar com um não-índio, não pode de maneira alguma morar na aldeia, perde totalmente esse direito, segundo os anciãos tradicionais isso é necessário para a sobrevivência genética das

comunidades indígenas, como forma de fortalecimento da identidade indígena também, pois a união de uma indígena com o não-índio esta identidade fica comprometida, aumentaria muito os mestiços nas aldeias, e tem ainda a educação dos filhos que será diferente, pois o não-índio viveu numa realidade diferente e isso pode comprometer a organização interna das comunidades indígenas, além disso, o não-índio poderá sentir no direito possuir terras na comunidade por ter se casado com uma indígena, isso afeta os padrões de organização da aldeia onde nada é de ninguém, tudo gira em torno do compartilhamento. Vale ressaltar que essas regras internas não é nada escrito, mas é culturalmente muito respeitada.

3.7 DOS MEIOS DE SUBSISTÊNCIA

Estas comunidades indígena dedica-se ao cultivo de arroz, milho, feijão mandioca, batata doce, abobrinha e maxixe uma produção para subsistência. Existem também diversas espécies frutíferas como manga, banana, abacate, limão, laranja, mamão, produzidas geralmente no fundo dos quintais (foto 11).



Foto 11. Plantações no quintal da casa
Foto: RSouza, 2011.

Em todas as aldeias as atividades produtivas continuam sendo a principalmente a agricultura (foto12), há ainda também a criação de gado (foto 13), assim como foi no passado, mas agora com tratores e implementos. Todo

plantio, porém, é feito em seu devido tempo conforme a decisão do mais velho que sempre decide quando e o que será plantado, todo trabalho é coletivo geralmente por grupos familiares que fazem mutirão na sua área de produção.



Foto 12. Lavoura Terena
Foto: RSouza, 2011.



Foto 13. Pequenas criações de gado
Foto: Alexandro, 2011.

Em geral toda produção é para subsistência, mas que algumas vezes são comercializadas na cidade ou encomendadas por comerciantes. Todos trabalham de modo que toda produção aconteça, mas que a natureza seja respeitada, usando os saberes tradicionais, aproveitando o que a natureza

oferece para que sejam produzidos seus alimentos, tirando da natureza somente o necessário.

Por ser de muita valia e importância do território para os Terena desta Terra Indígena, todas as aldeias buscam sempre preservar suas culturas e tradições, sabendo que sua identidade étnica os mantém vivos.

“A cada dia uma luta, a cada luta uma vitória, a cada vitória uma conquista. Por isso que sempre falamos a nossa língua mãe. A gente vive a gente morre, mas o nosso povo viverá nessa terra para sempre” (Sandro e Isaías Potiguara).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do século XIX, o fato principal que causou as transformações ocorridas nas comunidades indígenas foi durante a Guerra contra o Paraguai, causando desta forma o processo de desterritorialização, levando os índios Terena a buscar outras áreas para reconstrução de sua sociedade. Porém, com término da Guerra contra o Paraguai, uma outra situação se colocava diante desses índios; a luta para recuperarem seus antigos territórios, ocupados pelas fazendas que se formavam por toda região antes habitadas por eles. Começa aí o processo de territorialização, a partir de então, começa, um longo processo de reivindicações dos índios Terena, através de seus representantes legítimos, o “*Capitão*”, conhecidos atualmente como Caciques, que eram seus líderes, que passaram a reivindicar junto ao governo brasileiro, o direito de ter novamente os territórios que ocupavam antes dessa guerra pelo fato de serem aliados durante o conflito. Pressionando o governo a definir e estabelecer o território indígena, criando, dessa maneira, um espaço onde esses índios pudessem se estabelecer definitivamente. Medida esta que foi tomada, tendo sua concretização no início do século XX, com a criação das primeiras Reservas Indígenas dos Terena no Mato Grosso do sul.

A Terra Indígena da Aldeia Brejão foi formada pela família do Capitão Vitorino, vindo da região de Miranda e se estabeleceu nesta região, passando alguns tempos depois a reivindicar junto às autoridades competentes o direito a posse da terra, reivindicação esta que foi atendida um ano após sua morte. A terra Indígena foi demarcada em 1922, no entanto, só foi oficializada na década de 60 do século XX, quando obtiveram do governo brasileiro o título definitivo dessas terras.

Atualmente a Terra Indígena Aldeia Brejão está dividida em quatro outras aldeia dentro do seu território de 1.029 hectares: Água Branca, Cabeceira e Taboquinha. Tendo o índio Terena Capitão Vitorino como um grande representante nos tempos antigos e responsável pela demarcação deste atual território, demonstrando a capacidade dos Terena, que continuam

buscando seus direitos *de territorialização* junto aos órgão competentes o reconhecimento de suas terras tradicionais e a legalização das mesmas, para atender a sua população que vem aumentando cada vez mais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

BITENCOOURT, Circe Maria. Ladeira, Maria Elisa. **A história do povo Terena**. Universidade de São Paulo, Ministério da Educação, 2000

COSTA, Rogério H. da (Rogério Haesbaert da), 1958. **O mito da desterritorialização**: do fim dos territórios a multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004

CASTRO, Iná Elias de, GOMES, Paulo César da Costa, CORRÊA, Roberto Lobato (organizadores). **Geografia**: Conceitos e temas. 3ª Ed. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2001.

JUNQUEIRA, Carmem. **Antropologia Indígena**: Uma nova introdução. 2ª edição/São Paulo: EDUC, 2008

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Do Índio ao Bugre**: O progresso de Assimilação dos Terena: Prefacio de Darcy Ribeiro, Rio de Janeiro, F. Alves, 1976.

PEREIRA, Levi Marques. **Os Terena de Buriti**: Formas organizacionais, territorialização e representação étnica. Dourados, MS: Editora UFGD, 2009.

RAMOS, Alcida Rita. **Sociedades Indígenas**. São Paulo: Editora Ática AS. 1994.

SOUZA, Sandra Cristina de. **Aldeinha**: Mas onde é mesmo a aldeia?, Tese de Doutorado, SP: PUC, 2010.

VARGAS, Vera Lucia Ferreira. **A construção do território Terena** (1870 – 1966), uma sociedade entre a imposição e a opção. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2003.

Fontes Orais

SILVA, Adão da, índio Terena Aldeia Brejão – 28/08/11

SILVA, José da, índio Terena Aldeia Brejão – 27/08/11

LISBOA, Luzia da Silva, índia Terena Aldeia Brejão – 27/08/11

COTÓCIO, Otacílio, índio Terena Aldeia Taboquinha – 26/08/11

MARQUES, Nélio, índio Terena Aldeia Cabeceira – 28/08/11

ANEXOS